

O LUGAR MAIS LOTADO DA GILLETTE

(visto por quem ainda espera)

“Uma clínica cura os pacientes. Uma comunidade que cuida ampara as pessoas.”

I. O lugar mais lotado

Qual é o lugar mais lotado de uma instituição de saúde?

Não o saguão.

Não os consultórios.

Não a sala de espera.

Nem os corredores.

O lugar mais lotado é aquele que não aparece em nenhuma planta.

É o futuro.

Todo mundo que entra traz consigo uma pergunta.

Os pacientes.

As famílias.

Os médicos.

Os enfermeiros.

Os diretores.

Até quem limpa o chão.

Ninguém sabe de verdade como vai acabar — ou talvez finjam, por medo.

E, no entanto, todos continuam fazendo planos para o dia seguinte.

Em nenhum outro lugar vi tanta gente viver ao mesmo tempo no mesmo presente e habitar, com obstinação, o mesmo futuro.

É por isso que acredito que o cemitério é o lugar mais lotado que já conheci.

II. Epílogo

Muitos pensam que o contrário da vida é a morte.

Eu não tenho tanta certeza.

Depois de passar um tempo em centros de reabilitação, hospitais, casas de repouso e cemitérios, cheguei a outra conclusão.

O contrário da vida não é a morte.

É o esquecimento.

E é provavelmente por essa razão que o cemitério é um dos lugares mais lotados que conheço.

Não de gente.

De memória.

A vida inteira temos medo do cemitério.

Quando crianças, nos ensinam que é o lugar do fim.

Quando adultos, aprendemos a evitá-lo.

Vamos lá por dever, nos aniversários, por respeito.

Entramos em silêncio e saímos assim que podemos.

E, no entanto, olhando de perto, descobri que o cemitério não é o lugar dos mortos. Os mortos não estão ali.

Estão nas casas que habitaram.

Nas palavras que deixaram.

Nos gestos que aprendemos com eles.

Nos defeitos que herdamos.

Nas ausências que continuam falando conosco.

O cemitério é o lugar dos vivos.

Dos que voltam.

Dos que lembram.

Dos que ainda têm algo a dizer a alguém que já não pode responder. E quem diz isso a você é alguém que já esteve lá, mas não encontrou lugar.

III. Página do autor

Esta obra não foi encomendada.

Não foi vendida.

Não foi feita com fins comerciais.

Foi escrita para dar testemunho do valor da reabilitação, da dignidade humana e da relação entre as pessoas.

O único honorário pedido é um dólar simbólico — não como pagamento pela obra, mas como testemunho de um compromisso compartilhado com uma cultura do cuidado, da esperança e da responsabilidade.

Ferdinando